



## AGROECOLOGIA: UM CAMINHO

Ivonete Terezinha Tremea Plein<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo mostra as possibilidades e as limitações para implementação da produção agroecológica, percebidas por um grupo de famílias, no Assentamento da Reforma Agrária Conquista na Fronteira, no município de Dionísio Cerqueira – SC – Brasil. Durante as visitas de campo e entrevistas, foram apresentadas, pelos atores sociais algumas de suas aflições e perspectivas para os rumos que a forma de produção agroecológica poderia ter dentro do assentamento. No decorrer do texto está organizada uma discussão dessas abordagens com referencial teórico sobre a agroecologia, mostrando-se as possibilidades e as limitações evidenciadas naquela realidade, como: a dificuldade de mudança de pensamento, as barreiras para transformar a forma de produção comercial e as diferenças de opiniões dentro do coletivo. Seus sonhos, perspectivas e obstáculos são mostrados, com a particularidade da produção e vida coletiva, característica específica do Assentamento Conquista na Fronteira.

**Palavras-chave:** Agroecologia, Assentamento da Reforma Agrária, Trabalho Coletivo.

### RESUMEN

El artículo muestra las posibilidades y limitaciones para la implementación de la producción agroecológica, percibida por un grupo de familias, en el Asentamiento de la Reforma Agraria Conquista na Fronteira, en el municipio de Dionísio Cerqueira - SC - Brasil. Durante las visitas de campo y entrevistas, los actores sociales expusieron algunas de sus aflicciones y perspectivas sobre los rumbos que podría tomar la forma de producción agroecológica dentro del asentamiento. A lo largo del texto, se organiza una discusión de estos enfoques con un marco teórico sobre la agroecología, mostrando las posibilidades y limitaciones que se evidencian en esa realidad, tales como: la dificultad de cambiar el pensamiento, las barreras para transformar la forma de producción comercial y las diferencias de opiniones dentro del colectivo. Se muestran sus sueños, perspectivas y obstáculos, con la particularidad de la producción y la vida colectiva, característica específica del Asentamiento Conquista na Fronteira.

**Palabras clave:** Agroecología, Asentamiento de Reforma Agraria, Trabajo Colectivo.

### INTRODUÇÃO

Neste ensaio desenvolve-se uma discussão a respeito das possibilidades que a agroecologia apresenta como forma de produção/vivência rural na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e com capacidade de produzir/consumir alimentos de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Geografia (UNIOESTE). Técnica em Assuntos Educacionais (UTFPR). ittp20@gmail.com.



forma sustentável, garantindo que as próximas gerações tenham soberania alimentar e qualidade de vida.

Partindo do pressuposto de que a agricultura denominada tradicional, ou seja, aquela agricultura praticada até a metade do século XIX era eminentemente uma agricultura sem o uso de fertilizantes e outros insumos químicos sintéticos, é possível, afirmar que as práticas de produção orgânicas e agroecológicas foram predominantes até a década de 1840. Assim, a agroecologia enquanto prática é mais antiga do que a agroecologia enquanto ciência. Todavia, as práticas tradicionais que hoje podem ser denominadas de agroecológicas, não o eram até o início da agroecologia enquanto ciência (CANDIOTTO, 2020a, p. 40).

Durante muito tempo a humanidade produziu e viveu com proximidade aos recursos naturais que dispunha, mas nos últimos séculos seu modo de vida, produção e consumo tornaram esse sistema insustentável.

Por outro lado, as contundentes mudanças nas formas de produzir alimentos, deflagradas com a chamada modernização da agricultura, não podem ser entendidas apenas pelo viés das alterações da base técnica da produção, mas também, entre outros fatores, pelo crescente poder do mercado globalizado. O agricultor que em sua terra percebe uma progressiva perda de autonomia sobre seus processos decisórios, é um ator cuja territorialidade está sendo readequada segundo lógicas alheias a seu horizonte social e geográfico de intervenção (EDUARDO; KLEIN; GONÇALVES, 2020. p. 151).

Neste contexto, o trabalho está estruturado em duas partes. Na primeira parte, apresenta-se uma mostra das possibilidades da agroecologia enquanto ciência e forma de produção/vivência, embasada em autores que mostram sua capacidade como alternativa para a sustentabilidade, sem esquecer-se da sua premissa enquanto movimento social/cultural de coletivos.

Na segunda parte, objetiva-se deixar claro que este é um caminho de escolhas, nem sempre fáceis, de grande amplitude exatamente por envolver o coletivo e a percepção de algo que vai muito além de um “conjunto de técnicas”, mas de um movimento contínuo de construção de um lugar novo. Para isso, serão apresentadas algumas discussões em torno dos desafios e possibilidades que estão presentes no Assentamento Conquista na Fronteira.

A formação do acampamento conquista na fronteira reunia os elementos físicos, naturais e sociais, ou seja, o espaço e a sociedade. O mesmo foi se rearquitetando na medida que as pessoas superaram o medo e se encorajavam na



busca por um lugar que as condicionassem a suprir a fome, bem como realizar outros sonhos condizentes à dignidade humana (MOREIRA, 2009, p. 87).

Metodologicamente, a primeira parte foi construída com base em literatura sobre o tema, enquanto, a segunda buscou fundamentação empírica em visitas realizadas ao assentamento Conquista na Fronteira, no município de Dionísio Cerqueira – SC – Brasil, nos anos de 2017 e 2019, as explanações feitas pelos sujeitos 02 e 03, que coordenaram as visitas, bem como com entrevistas feitas de forma *on line*, por conversas pelo aplicativo *WhatsApp* e e-mail, durante o mês de março de 2021. Os membros do assentamento entrevistados foram: um agrônomo, 26 anos, vive há 18 anos no assentamento (sujeito 01), uma professora, 30 anos, nasceu no assentamento (sujeito 02), um agricultor, 63 anos, é membro desde o acampamento (sujeito 03). Salienta-se que isso se refere às suas formações, já que todos se consideram agricultores e todos vivem no assentamento e trabalham nos diferentes grupos de atividades em sistema de revezamento, conforme organização social do assentamento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo para desenvolvimento da agroecologia como alternativa não pode ser individualizado. Não é um movimento solitário, sua base é o coletivo. No entanto, modificar formas de produzir, viver, pensar e comercializar já postas em uma sociedade não é tarefa simples. Na tentativa de entender como esse processo é moroso buscou-se em um lugar diverso, o Assentamento Conquista na Fronteira<sup>2</sup>, saber quais as possibilidades e limitações, já que este lugar não desenvolve a agroecologia como um todo, mesmo este sendo um dos temas estudados há anos no espaço coletivo.

A comunidade, na discussão, busca se contrapor aos interesses do mercado e encontrar as melhores políticas para a reterritorialização, acreditando que, por meio dos embates teóricos, confrontando os diferentes pensamentos que, ainda, continuam provocando conflitos de subjetivações, superem-se as distâncias de grau de interesse num processo de reconstrução com novas subjetivações (MOREIRA, 2009, p. 123).

---

<sup>2</sup> Assentamento constituído em 1988, no município de Dionísio Cerqueira - SC. Com área de 1.190,32 hectares (MOREIRA, 2009). Atualmente vivem no assentamento 44 famílias.



Com base em visitas realizadas ao assentamento nos anos de 2017 e 2019, bem como, entrevistas realizadas com três membros no mês de março de 2021, a seguir apresentar-se-ão alguns aspectos, desafios e perspectivas do tema agroecologia no assentamento.

Durante as visitas os agricultores citavam as técnicas agroecológicas como uma alternativa experimental em algumas áreas da produção coletiva, como exemplo a horta e plantas medicinais.

A figura 01 mostra os grupos de trabalho e a forma de organização do assentamento, sendo apresentadas por um dos agricultores durante uma visita, no salão comunitário. No Painel à direita os principais objetivos do assentamento podem ser lidos: 1-uma vida digna e igualitária para todos; 2 – transformação da sociedade.



Figura 01: Organização do assentamento. 2019. Foto da autora. Uso de imagem autorizada pelo ator social.

A construção de um lugar próprio, com uma organização baseada na igualdade participativa foi um desafio para estes agricultores, pois,

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o



confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2008. p. 322).

Na entrevista, o sujeito 01 explica como é o sistema de produção e tomada de decisões no assentamento:

No assentamento os trabalhos entorno da produção se dão em alguns setores, que são estratégicos para o funcionamento da cooperativa, são eles: pecuária leiteira e de corte, grãos/lavoura, erva mate, alimentação/subsistência e indústria. Cada setor de trabalho é composto por um grupo suficiente de pessoas para desenvolver as atividades demandadas daquele setor. Para fazer frente a estes setores, cada um deles é composto por duas pessoas que tem a tarefa de coordenar as atividades do mesmo. Porém, as decisões das atividades a serem desenvolvidas em cada setor passam por um planejamento coletivo, envolvendo todas as pessoas do assentamento, aonde em reunião se avalia o ano anterior e se planeja as atividades para o próximo ano agrícola, em assembleia se aprova ou não as propostas debatidas e levantadas pelos núcleos de bases, sobre os trabalhos para o próximo ano. A partir deste momento, cabe aos coordenares/as e aos membros/as do setor, desenvolver as atividades planejadas coletivamente. A produção de alimentos (subsistência) é toda destinada a alimentação das famílias do assentamento, somente o excedente é comercializado nas feiras da cidade. Com exceção da produção de leite, que é toda destinada para a indústria para a posterior transformação em seus mais diversos derivados (2021).

Toda a organização, decisões e trabalho no assentamento é feita de forma coletiva. Segundo consta na fala do sujeito 03 “no início foram uns 03 anos de reuniões para ver como seria a organização e os que não concordaram do coletivo, foram embora, para outros acampamentos porque nós procurava ser coletivo, fazer uma sociedade diferente”. Esse aspecto da coletividade está expresso na contraordem da sociedade moderna, pois,

Se no coração da modernidade está a convicção de que a realidade objetiva, externa ao indivíduo e que pode ser conhecida pelo raciocínio, o multiculturalismo afirma o contrário: que a realidade é convencional, que o indivíduo participa de sua construção e que o conhecimento nada tem de objetivo ou definitivo, pois ele depende do poder, da história e das relações que se desencadeiam entre os diferentes grupos sociais (MOREIRA, 2009, p. 87).

Ao serem inqueridos se há discussões relativas à Agroecologia no assentamento. A resposta é unânime entre os 03 entrevistados: sim!



Sim. Nos últimos anos tem-se avançado sobre as práticas e os estudos entorno da agroecologia, mas infelizmente, ainda à passos lentos. A agroecologia está presente com maior intensidade na produção hortícola, a qual é destinada ao consumo das famílias e comercializadas em feiras da cidade (sujeito 01, 2021).

(...) a gente tem essa discussão presente. Tivemos vários momentos de estudo sobre, e alguns setores como a horta e o setor de alimentação trabalham com alguns princípios da agroecologia, mas não dá pra dizer que é... (sujeito 02, 2021).

Nossa maior preocupação ainda é com o que a gente consome aqui no assentamento. Porque nas lavouras ainda é produção convencional (sujeito 03, 2021).

Na figura 02, vista parcial da horta e da produção de plantas medicinais, consideradas fonte de referência num sistema de produção diferenciado dentro do assentamento.



Figura 02: Produção de hortaliças e plantas medicinais. 2017. Foto da autora.

A agroecologia apresenta-se como alternativa de produção e vida para agricultores que buscam uma outra forma de se relacionar com a própria vida, com a terra e seus recursos produtivos, bem como, outra forma de vivência na sociedade e nas relações de produção e comércio.

No contexto latino-americano, a agroecologia tem sido associada a um processo de transformação social e a uma perspectiva decolonial. O giro decolonial, a luta pela autonomia camponesa, o bem-viver, entre outras perspectivas analíticas alternativas têm sido muito úteis para dar um corpo teórico e epistemológico para a agroecologia (CANDIOTTO, 2020a, p. 58).



Ao ser perguntado “A agroecologia é praticada em alguma parte da produção (coletiva ou individual)? Em caso afirmativo, quais e de que forma? Obteve-se as seguintes respostas:

O preparo e uso das caldas na horta são frequentes, mas a gente ainda precisa avançar muito na discussão, sabendo que não é só plantar sem veneno, que tem toda essa relação entre seres humanos e natureza, das relações pessoais... (sujeito 02, 2021);

Sim. Principalmente nos últimos anos. Dentro dos setores estratégicos do assentamento, o setor da alimentação/subsistência é o que mais tem discutido e trabalhado entorno da agroecologia, principalmente ao eixo da produção de alimentos, dada a complexidade que é a agroecologia. Desde o início do assentamento, um dos principais temas discutidos entorno da produção de alimentos, é a produção orgânica, sem o uso de venenos ou produtos químicos sintéticos. Porém com o amadurecimento teórico do tema agroecologia dentro do assentamento, buscou-se dar início às práticas agroecológicas (Sujeito 01, 2021).

A clareza do conceito de agroecologia presente nestas falas demonstra que “um produtor não pode mais estar atento somente às necessidades de sua unidade produtiva e acreditar que, a partir de uma intervenção somente neste nível, poderá lidar adequadamente com as questões de sustentabilidade a longo prazo (GLIESSMAN, 2001, p. 594)”.

Fica evidenciada o esforço de manter o tema presente no assentamento e a necessidade que sentem de preservar técnicas “mais sustentáveis” na área que produz alimentos para subsistência e venda direta ao consumidor, como é o caso da horta.

Nesse sentido, nas disputas territoriais de mercado, a agroecologia é um trunfo dos atores de contra-hegemonia, por propiciar maior controle sobre seus recursos e sobre suas territorialidades. Por esse viés, esses atores constroem autonomias e, gradativamente, projetam suas relações de poder (EDUARDO; KLEIN; GONÇALVES, 2020. p. 153).

A produção de alimentos para a subsistência é o principal foco do assentamento. A independência alimentar foi uma busca desde o tempo do acampamento que antecedeu a formalização do assentamento. “Nós sempre quisemos produzir nosso alimento, nunca pegamos cesta básica do governo” (sujeito 03). Como pode ser visto,

Parte da realidade constituinte do território do acampamento conquistado na fronteira está vinculada com a fome, porém não podemos desconsiderar a importância que possui a organização do movimento social e seus princípios.



Em diálogo com integrantes do MST no atual assentamento rural, afirmam ter vivido momentos de muita fome e quando tiveram condições de cultivar e colher seus alimentos, durante os primeiros anos, exageravam na quantidade de consumo alimentar, comendo muito mais do que necessitavam (MOREIRA, 2009, p. 87).

Sobre a construção de espaços de agroecologia dentro do assentamento e as técnicas iniciais utilizadas na produção de alimentos, converge a ideia de que:

O trabalho das ONGs está inspirado na crença de que a pesquisa e o desenvolvimento agrícola devem operar baseados em uma abordagem “de baixo para cima”, utilizando os recursos já disponíveis: a população local, suas necessidades e aspirações, seu conhecimento agrícola e recursos naturais autóctones. Acredita-se que as estratégias baseadas na participação, capacidades e recursos locais aumentam a produtividade enquanto conservam a base dos recursos (ALTIERI, 2000, p. 33).

O caminho que os sujeitos do assentamento destacam como longo e em fase inicial corrobora com a perspectiva de que:

Se a agricultura como um todo deve tornar-se verdadeiramente sustentável, todos os aspectos da produção, distribuição e consumo de alimentos precisam estar incluídos neste quadro. (...). É a interação complexa entre todas as dimensões, ecológica, técnica, social e econômica, de nossos sistemas alimentares que determinará se estes podem ser sustentáveis a longo prazo (GLIESSMAN, 2001, p. 593).

Foi perguntado “Quais as principais dificuldades enfrentadas para as práticas agroecológicas?”

Hoje, o quadro social do assentamento é composto majoritariamente por pessoas acima dos 50 anos de idade. E apesar da agroecologia e suas técnicas serem utilizadas há muito mais tempo que isso, ainda se tem uma grande resistência por parte destas pessoas em aceitar mudanças, principalmente quando fala-se em agroecologia, compreendendo-a como um todo. Por ser algo “novo” para os/as assentados/as, esses acreditam que os resultados de todo um processo, devem ser imediatos, algo que dificilmente é possível alcançar dentro de um sistema agroecológico. O que por vez acaba frustrando a estas pessoas e fazendo com que desistam de dar seguimento na construção desse processo (Sujeito 01, 2021).

A agroecologia é um processo, que se constrói e transforma com o decorrer do tempo/espço. Não é fácil para pessoas que tem uma construção histórica de grandes dificuldades, modificar suas formas de produção quando alcançam uma situação que acredita ser mais “tranquila e menos sofrida”, como se percebe na fala do sujeito 03:



Desde criança a gente sempre teve uma vida muito sofrida, em terras dobradas, fazendo tudo a mão, com pouco recurso, um monte de irmãos num pedaço pequeno de terra, depois como acampado, pior ainda, sem poder produzir, só lutando pra ter alguma coisa melhor pros filho da gente, aí aqui a gente teve que fazer tudo desde o começo com pouca ferramenta, quase só trabalho braçal, a gente foi crescendo junto, comprando as coisas e hoje a gente tem uma vida muito mais tranquila, os novos nem sabe tudo o que a gente sofreu porque o tempo deles já foi tudo diferente (sujeito 03, 2017).

Considerando que “as práticas agroecológicas resultam culturalmente compatíveis com a racionalidade produtiva camponesa, pois se constroem sobre o conhecimento agrícola tradicional, combinando este conhecimento com elementos da ciência agrícola moderna” (LEFF, 2002, p. 41), no assentamento há uma busca pela agroecologia enquanto prática, no entanto, a maior parte da população é maior de 50 anos, estes, estão vivendo sua conquista e tem orgulho da sua construção coletiva. Ao que parece aguardam que os jovens façam novos progressos e avancem nessas outras perspectivas como o caso da agroecologia. Considerando que,

Seus princípios emergem das culturas que habitam os diferentes ecossistemas e são recuperáveis através de uma nova racionalidade produtiva, um amálgama do tradicional com o moderno, que passa por processos de transformação e assimilação cultural em práticas produtivas locais (LEFF, 2002, p. 42).

Nas entrevistas ficou evidenciado que os membros mais jovens do assentamento têm se dedicado a dar continuidade aos estudos em torno do tema agroecologia, pois acreditam ser um caminho para o futuro de resistência do assentamento, podendo assim dar continuidade a construção social que se inserem, já que:

O território do assentamento foi se configurando numa realidade de desconstrução e reconstrução, através das ações cotidianas dos assentados conduzidas, em parte, pelo olhar camponês, permitindo, com isso, que novas identidades fossem se construindo, num processo de des-re-territorialização (MOREIRA, 2009, p. 97).

A construção de novas formas de vivências e de produção é inerente ao processo do movimento social imbricado no seio das concepções políticas do assentamento. Continuar e transformar faz parte do cotidiano de resistência e de luta do movimento.

O questionamento final foi sobre quais seriam as principais motivações para a agroecologia?



Acreditar que um novo sistema produtivo pode ser instalado em nossa sociedade, e se sabe que com a agroecologia é possível produzir alimentos de qualidade e quantidade para alimentar a população mundial. Diante disso, no assentamento, parte da juventude vêm se dedicando nos trabalhos, buscando compreender a teoria, associando-a à prática, para um dia tornar esse sonho realidade (Sujeito 01, 2021).

Nós queremos uma sociedade melhor e para isso precisamos parar de destruir para produzir, além de deixar de sermos manipulados pelo mercado. Na escola tentamos trabalhar com as crianças desde pequenos o respeito com a natureza e como fazemos parte dela (Sujeito 02, 2019).

Se os jovens continuarem no assentamento, dando continuidade ao que já foi construído por nós, dá para fazer muita coisa melhor com os recursos que eles tem hoje e isso vai fazer com que ainda tenham como lutar por uma vida mais digna para todos porque a gente lutou muito foi principalmente pra dar uma vida melhor pros filhos e pros netos, pensando no futuro que tivessem onde trabalhar e viver sem ser explorados (Sujeito 03, 2019).

Interessante perceber a permanência viva dos princípios do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra como foi em toda a história do assentamento,

Nesse contexto de contraditórios, entre o mercado mundial, intensificando suas ações, e o lugar, rejeitando as verticalidades imponentes, criou-se o movimento social do campo e prol da ocupação de terras que não estariam cumprindo a função social da mesma. O território Conquista na Fronteira do Extremo Oeste de Santa Catarina faz parte dessa história da sociedade brasileira (MOREIRA, 2009, p. 88).

O que indica uma relação permanente entre a agroecologia e os movimentos sociais já destacados por GLIESSMAN,

Pelo início dos anos 80, a agroecologia tinha emergido como uma metodologia e uma estrutura básica conceitual distintas para o estudo de agroecossistemas. Uma influência importante durante este período veio dos sistemas tradicionais de cultivo, de países em desenvolvimento, que começaram a ser reconhecidos por muitos pesquisadores como exemplos importantes de manejo de agroecossistemas, ecologicamente fundamentados (GLIESSMAN, 2001, p 56).

Percebe-se que o movimento de construção e reconstrução dos ideais libertários dentro do assentamento continuam presentes, mesmo depois de 30 anos, fazendo com que as novas gerações tenham formação científica, cultural e política capaz de reproduzir sua



forma de vida e transformar sua forma de produção num movimento coletivo de luta, trabalho e vida.

Os movimentos sociais e sindicais no Brasil também ganharam força a partir dos anos 80. E a agroecologia, assim como outros temas/formas de uma sociedade mais justa e equilibrada encontraram em seu seio campo aberto para discussões e possibilidades de desenvolvimento.

Na figura 03, estão em destaque os princípios de luta que permeiam as bases do assentamento, como um lembrete diário dos seus princípios.



Figura 03: Identificação na sede do assentamento. 2019. Foto da autora.

A figura 03 mostra símbolos importantes do Movimento Sem Terra no Brasil. O facão mostra uma ferramenta simples de trabalho, com muitas finalidades, neste caso “abrir caminhos”, foi explicado pelo sujeito 03 que “muitas vezes as pessoas pensam que o facão é visto como arma, mas para nós é a ferramenta de abrir picadas, fazer as armações para erguer as barracas de lona no acampamento, foi assim que começamos aqui”. As inscrições que ficam expostas nessa área, de uso comum, no assentamento é para “manter viva a memória do início do assentamento que foi a ocupação da terra, com o acampamento dos sem terras” (sujeito 03) e lembrar os que já conquistaram a terra para que permaneçam na luta, “porque toda conquista vem da união, da luta, do coletivo” (sujeito 02).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir de forma agroecológica vai muito além de usar técnicas específicas de manejo e produção, insere-se num circuito maior de escolha de vida, de princípios mais que econômicos, mas de respeito à vida na Terra e convivência do “ser agricultor”, num contexto desfavorável a essa forma de vida e de produção. “Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população” (LEFF, 2002 p. 37).

Quando se pensa a reforma agrária ela parece algo muito distante, no entanto, o assentamento Conquista na Fronteira mostrou que uma nova realidade é possível de ser construída. Um sonho iniciado com 60 famílias há mais de 30 anos, é hoje um espaço diferente de vida, onde a dignidade humana se faz presente e as relações de poder são igualitárias no seu coletivo. “Até mesmo a utopia é um não-lugar, ou melhor, é um lugar imaginário que se situa num outro tempo melhor que o nosso tempo, longe do nosso espaço do aqui-e-agora” (PORTO GONÇALVES, 2002, p. 226).

Neste espaço a agroecologia cria sementes de uma nova forma de produzir alimentos e, quiçá, de ser o legado para novas gerações. A emancipação só é possível se houver uma mudança nas formas hegemônicas de poder. Desconstrução dos conhecimentos e legitimação de outros modos de “ser no mundo”. Esta racionalidade é excludente, degradadora e limitante (LEFF, 2017).

*Ésta se manifiesta en la opresión, subyugación, discriminación, marginalización y exclusión de otros mundos de vida. De esta manera, los procesos de resistencia a la invasión de la modernidad sobre los mundos de vida tradicionales se convierten en movimientos de resistencia; son la expresión de otras ontologías existenciales que se manifiestan en la arena política (LEFF, 2017, pp 143-144).*

No Assentamento Conquista na Fronteira, a produção de alimentos para todos os moradores é seu principal objetivo e nas áreas destinadas para este fim, “a utilização de agricultura menos agressiva e mais natural é prioritário, não usando quase nada de produtos químicos” (sujeito 03). No entanto, “a produção para comercialização é feita de



maneira convencional, com uso, inclusive de agrotóxicos (sujeito 03), “o que se consegue fazer, é um certo isolamento de uma área e outra já que a produção coletiva nos dá as condições para isso (sujeito 02). “As discussões e o desejo de produzir de forma agroecológica estão presentes” (sujeito 01).

No coletivo, as famílias vêm discutindo, são estudadas as possibilidades e as limitações de implementar a agroecologia, pois, em termos ideológicos, entendem que “seria não só uma forma de produzir e sim um modo de viver” (sujeito 02). E neste sentido, “não são fáceis as mudanças, são caminhos que podem acontecer, mas que dependem de tempo, preparação e decisão coletiva” (sujeito 01), pois, envolvem riscos, perdas financeiras à primeira vista e, sobretudo, mudança de hábitos.

## AGRADECIMENTOS

Reconhecimento à UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) pela concessão de afastamento integral, com ônus limitado, para dedicação exclusiva ao Doutorado.

Aos membros do Assentamento Conquista na Fronteira, em especial os que dispuseram de seu tempo pessoal para prestar as informações e acompanhar nas visitas de campo. Cedendo inclusive, o direito de uso de suas imagens, tão significativas.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Agroecologia: conceitos, princípios e sua multidimensionalidade. **Ambientes**. v. 2, n. 2, 2020a, pp. 25 – 74.

\_\_\_\_\_. **Agricultura orgânica e agroecologia: uma diferenciação conceitual e ideológica importante**. Francisco Beltrão. Microsoft PowerPoint. Aula ministrada na disciplina: Geografia, ecologia política e agroecologia, em 21.07.2020b.

EDUARDO, Márcio Freitas; KLEIN, Edson José; GONÇALVES, Giovani José. A Ecoterra e seu construto territorial de mercado: As experiências de venda direta como antecedentes do Circuito Sul de circulação e comercialização de produtos agroecológicos,



criado no contexto da Rede Ecovida de Agroecologia. **Ambientes**. v. 2, n. 2, 2020, pp. 143 – 188.

GLIESSMAN, Stephen. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2001.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002, pp. 36-51.

\_\_\_\_\_. Las relaciones de poder del conocimiento en el campo de la Ecología Política: una mirada desde el sur. In: **Ecología política latinoamericana**: pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica. ALIMONDA, Héctor; PÉREZ, Catalina Toro; MARTÍN, Facundo (coords.). Buenos Aires: Ciccus, 2017. pp. 129 – 166.

MOREIRA, Antônio Carlos. **A reterritorialização do Assentamento Conquista na Fronteira de Dionísio Cerqueira - SC**: para além da dimensão cultural. 2009. 255f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECENÑA, Ana Esther; SADER, Emir (coords.). **La guerra infinita**: hegemonia y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2002. pp. 217 – 256.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.